

DE 'MESTRE EXPLICADOR' A 'MESTRE IGNORANTE': CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DO TUTOR NO MÉTODO DA ABP (APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS) NUM CURSO DE PSICOLOGIA EM SALVADOR, BAHIA

TEACHING MASTER' TO IGNORANT MASTER': THOUGHTS ON THE ROLE OF THE TUTOR IN THE PBL (PROBLEM-BASED LEARNING) TECHNIQUE IN A PSYCHOLOGY HIGHER EDUCATION MAJOR IN SALVADOR, BAHIA

Lidiane de Fátima Barbosa Guedes¹, Maria Beatriz Barreto do Carmo²

Autora para correspondência: Maria Beatriz Barreto do Carmo - mariabeatrizbc@gmail.com

¹Psicóloga, Mestre em Psicologia Social, Docente da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Salvador, Bahia, Brasil

²Psicóloga, Doutora em Ciências, Professora na Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil.

RESUMO | Trata-se de um relato de experiência decorrente do encontro de duas professoras-tutoras iniciantes no trabalho com o método da ABP, no curso de Psicologia da EBMSp. A Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) é uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem, na qual os papéis de professores e alunos assumem formas e lugares distintos daqueles representados pelo referencial da pedagogia tradicional, sendo o professor deslocado para o lugar de tutor. No presente relato de experiência, a obra filosófico-literária "O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual", do filósofo francês Jacques Rancière, foi tomada como analisador do papel do tutor no método da ABP. A referida obra aborda uma situação experimental de aprendizagem na qual os alunos aprendem na ausência da explicação do professor-mestre. Discute-se neste trabalho as perspectivas de embrutecimento e emancipação, decorrentes do processo de ensino-aprendizagem, a partir dos referenciais do método da ABP. Concluímos que a presença viva e forte do corpo do mestre/tutor impulsionará a emancipação intelectual dos estudantes, apontando para o Princípio da Igualdade como estratégia central da aprendizagem sem mestre explicador, mas não sem mestre.

Palavras-Chave: aprendizagem baseada em problemas; tutor; mestre explicador; mestre ignorante.

ABSTRACT | This is an experience report that arose from the meeting of two new teacher-tutorials in the work with the PBL method, in the Psychology course at EBMSp. Problem-Based Learning (PBL) is an active teaching-learning methodology in which the roles of teachers and students take on forms and places different from those represented by the traditional pedagogy referential, and the teacher is moved to the place of tutor. In the present account of experience, the philosopher-literary work "The Ignorant Schoolmaster: Five Lessons in Intellectual Emancipation" by the French philosopher Jacques Rancière was taken as an analyzer of the role of the tutor in the PBL method. This work addresses an experimental situation of learning in which students learn in the absence of the teacher-teacher explanation. This paper discusses the perspectives of brutalization and emancipation, arising from the teaching-learning process, based on the reference of the PBL method. We conclude that the presence of the teacher/tutor body will foster the students' intellectual emancipation, pointing to the Equality Principle as the central strategy of learning without a explicator schoolmaster, but not without a schoolmaster.

Key words: problem-based learning; tutor; explicator schoolmaster; ignorant schoolmaster

APRESENTAÇÃO

O relato de experiência aqui apresentado, decorre de um encontro de professores-tutores realizado no ano de 2015 na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, para discutir de forma sistemática as experiências acumuladas com o método da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) no contexto do componente curricular Desenvolvimento do Ciclo de Vida (DCV), no curso de Psicologia. No referido evento, denominado “Jornada do DCV”, em sua segunda edição naquele ano, as autoras apresentaram, juntas, uma introdução do que veio a se desdobrar no presente texto, propondo uma reflexão sobre o papel do tutor no referido método.

INTRODUÇÃO

A Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) é uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem, na qual os papéis de professores e alunos assumem formas e lugares distintos daqueles representados pelo referencial da pedagogia tradicional. No caso do professor, este é convidado a assumir um novo papel, o de tutor. Cabe ao tutor, por sua vez, pontuar e dirigir a discussão dos temas, teorias e conteúdos nos moldes de um mediador, facilitando e garantindo a circulação e a produção do conhecimento. Neste sentido, o interesse em abordar o papel do tutor (tomado dentro do referencial das metodologias ativas) decorre do encontro de duas professoras que apostaram na experimentação proposta pelo método da ABP, qual seja: o de deslocar-se do lugar do professor, instituído nas bases da pedagogia tradicional, para as forças instituintes do tutor, requeridas na acepção desta metodologia de ensino-aprendizagem.

Para inspirar essa jornada, utilizamos como referência o livro *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*, do filósofo Jacques Rancière (2013), que aborda uma situação experimental de aprendizagem criada pelo pedagogo francês Joseph Jacotot, no séc XIX. Na referida situação experimental, os alunos conseguiram aprender na ausência da explicação do mestre, diferente do que se apresenta no ensino tradicional (no qual toda compreensão precede uma explicação). Partindo desta experiência pedagógica radical, Jacotot percebeu que qualquer pessoa podia aprender sozinha e que não seria imperativo, para ser professor, ou seja, mestre, o domínio de determinado assunto ou campo de especialidade.

Em sua obra, Rancière(2013) nos guia por uma verdadeira aventura intelectual, na qual interage intimamente com seu interlocutor, Jacotot, representante de uma espécie de vanguarda utópica da pedagogia de sua época. Juntos, eles nos apresentam e discutem os conceitos de ‘mestre explicador’ e ‘mestre ignorante’, sendo estes, respectivamente, as representações do embrutecimento e da emancipação presentes no processo ensino-aprendizagem. Neste ponto, entendemos que havia uma interlocução possível entre a figura do ‘mestre ignorante’ e o lugar que o tutor ocupa no método da ABP, problematizando seus limites, desafios e potencialidades enquanto emancipador/ ou no desafio de tornar-se emancipador. Esse capítulo tem como objetivo tomar a obra filosófica-literária ‘O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual’, como analisador do papel do tutor, construindo aproximações possíveis entre a fascinante situação experimental nele apresentada e o encontro de duas tutoras numa experiência com o método da ABP, num curso de Psicologia em Salvador, Bahia.

O mestre explicador e o mestre ignorante: embrutecimento e emancipação no processo de ensino-aprendizagem

Ao traçarmos um panorama histórico da educação formal, especialmente no que tange a pedagogias e metodologias de ensino, observamos uma predominância de métodos baseados na explicação e atrelados ao saber do professor/mestre (Freire,1996). Neste método, que pode ser considerado tradicional pela sua hegemonia, temos

na figura do professor o detentor de um saber que será transmitido por meio de explicações àqueles que ignoram esse saber. No cerne deste método, de acordo com Jacotot, está instalado o 'mito da pedagogia', para o qual toda compreensão deve ser legitimada pela verificação do mestre/sábio.

A premissa de que apenas se pode aprender na presença da explicação de outro alguém que detém o conhecimento cria as figuras do sábio versus ignorante, do capaz versus incapaz, que por sua vez encontra-se na base de diversos problemas presentes no contexto da educação formal. O mestre explicador é, portanto, embrutecedor na medida em que subordina a inteligência do outro à sua própria inteligência (Rancière, 2013). Esta concepção é expressa por Rancière (2013) quando afirma que "o que embrutece o povo não é a falta de instrução, mas a crença na inferioridade de sua inteligência" (p. 65).

A escola, enquanto instituição pedagógica por excelência, organiza a aquisição do conhecimento em escalas progressivas, sendo que o lugar superior desta escala é exclusivo para 'os eleitos', ou seja, os que apresentam o melhor desempenho dentro desse método de ensino aprendizagem (Rancière, 2013). Estes, por sua vez, serão os futuros mestres a instruir os ignorantes. Essa mesma lógica atribui ao ensino o elemento redutor das desigualdades sociais, ao supostamente encurtar a distância entre os ignorantes e o saber. Porém, é esta mesma distância que, de modo paradoxal, mantém e reproduz o sistema educacional. Rancière (2013) aponta que essa lógica favorece a uma estrutura de dominação, na qual "é o explicador que tem a necessidade do incapaz, e não o contrário; é ele que constitui o incapaz como tal" (p.23).

Como posto por Skliar (2003), em sua revisão sobre a obra de Rancière:

"a explicação não é outra coisa que a invenção da incapacidade do outro. A invenção da incapacidade do outro é o que permite o nascimento da figura do explicador. O mestre é esse explicador que tem inventado o incapaz para justificar a sua própria explicação. Assim sendo, o explicador e o incapaz constituem o binômio inseparável de todas as pressuposições pedagógicas, atuais e passadas". (p.233)

Outro ponto fundamental colocado em destaque

na obra de Rancière refere-se a questão da igualdade. Nos moldes tradicionais da educação, a igualdade é definida como sendo o ponto de chegada, ou seja, objetivo a ser alcançado para reduzir as desigualdades a posteriori. No entanto, a dupla Rancière-Jacotot argumenta que, se a igualdade não for estabelecida como ponto de partida, ou seja, colocada no início do processo, nada poderá ser feito para alcançá-la. Dito de outro modo, a desigualdade colocada de antemão entre mestres e alunos, sábios e ignorantes, como forma de se alcançar a igualdade, é fator decisivo na perpetuação da própria desigualdade. A figura do mestre ignorante é apresentada por Jacotot-Rancière como aquele que reconhece que não há um ignorante que não saiba uma infinidade de coisas, e é sobre este saber, sobre esta capacidade em ato que todo ensino deve se fundar (2013).

Na experiência seminal de Jacotot, ele nos conta como ensinou a um grupo de holandeses a língua francesa, sem no entanto conhecer o idioma holandês, lançando mão de um intérprete e uma obra bilingue, O Telêmaco de Fénelon. Ou seja, uma situação que impunha a impossibilidade de comunicação entre alunos e professor, e que colocava este último no lugar de ignorante, visto que, no contexto tradicional de ensino, esta situação representaria um impasse na transmissão do conhecimento. Como ensinar-aprender na ausência da explicação? A partir dessa experiência denominada por Jacotot de 'método da vontade', na qual se aprende na ausência do mestre explicador, ele concluiu que: a aprendizagem se dá sobretudo pela tensão do seu próprio desejo (do aluno), ou pelas contingências da situação (Rancière, 2013); e que se pode aprender sem mestre explicador, mas não sem mestre. Portanto, separa-se, assim, as figuras do sábio e do mestre, já que se pode ser mestre sem ser necessariamente explicador, e também separa-se a inteligência da vontade. A emancipação tem lugar, pois, quando uma inteligência obedece a ela mesma, ainda que a vontade obedeça a outra vontade. Assim, o 'ensino universal', como nomeado por Jacotot, subverte a hierarquia do mundo da inteligência, tão cara ao ensino tradicional.

Eis então que surge o mestre ignorante, o emancipador, para o qual pode-se ensinar aquilo que se ignora, desde que se emancipe o aluno e

desde que se propicie as condições para que o aluno também se emancipe. A emancipação do aluno, por sua vez, é entendida dentro daquilo que Jacotot denomina o ‘círculo da potência’, no qual “o ignorante aprenderá sozinho o que o mestre ignora, se o mestre acredita que ele o pode, e o obriga a atualizar sua capacidade” (p. 34). Nesse ponto, encontramos uma interlocução que nos pareceu bastante potente, entre a alegoria do mestre ignorante e o papel do tutor no método da ABP.

O imperativo ‘não explicarás’ é a primeira dissonância pedagógica da proposta de Jacotot, e essa mesma dissonância é adotada como central ao método da ABP, não cabendo ao tutor o papel de explicador. Aliada a esta concepção, outro ponto que se destaca nesta metodologia ativa refere-se a não necessidade de o tutor ser especialista no assunto que irá ‘ensinar’. Considerando que no contexto de funcionamento do método da ABP o tutor, assim como o mestre ignorante, assume um papel de mediador e não de explicador, fomos atravessadas pela seguinte indagação: em que medida a relação entre os papéis de tutor e estudante/aprendiz produz ou favorece a emancipação e ou embrutecimento no processo de aprendizagem?

Entre o mestre explicador e o mestre ignorante, uma deriva: a aventura de tornar-se tutor

No currículo do curso de Psicologia da EBMS, a proposta metodológica da ABP é inscrita no período do 1º ao 6º semestre, no contexto do componente curricular Desenvolvimento do Ciclo de Vida (DCV), que compreende todas as fases do desenvolvimento humano, do início da vida até o envelhecimento. É neste cenário que ocorre o ingresso de duas professoras, que se desejam tutoras, na proposta da metodologia ativa. Nesta seção, acompanharemos os pontos de convergência e divergência desta jornada em interface com a aventura intelectual de Rancière-Jacotot.

O encontro das professoras-tutoras com o método da ABP foi marcado pela surpresa de um lugar comum a ser partilhado com os alunos do primeiro semestre do curso: ambos eram neófitos nesta proposta pedagógica. A novidade na execução do modus operandis da cena de aprendizagem convocava os novos atores (professoras-tutoras e estudantes) para

um território desconhecido. Entre o saber, o fazer e o que deveria ser, um imperativo norteador: vamos aprender a aprender. Despontava-se naquele momento a máxima da Aprendizagem Baseada em Problemas, que se desdobrava no princípio emancipador de Jacotot: Não ensinarás! Logo, não explicarás!

Nesta trajetória, indagamos com Rancière-Jacotot o papel do tutor: Como admitir que um ignorante possa ser causa de ciência para um outro ignorante? Como os estudantes, portadores da bagagem histórica da pedagogia explicadora tradicional, atuariam diante da ausência do mestre explicador? Como se daria o manejo relacional entre as professoras-tutoras e os estudantes que aprenderam a aprender a partir dos artifícios criativos e esclarecedores de seus mestres?

Nesse ponto de nossa discussão se faz necessária uma breve descrição do funcionamento do método ABP, em especial dos sete passos que o estruturam: **Passo 1:** Distribuição e leitura do texto que referencia o problema da semana, cujo acesso ao mesmo ocorre no início da semana, na Segunda-Feira, com desfecho/fechamento do problema ao final desta, na Sexta-feira. Os tutores escolhem ou permitem que os alunos escolham o Coordenador e o Relator de referência para a mediação do grupo em cada encontro semanal. Mediante a posse do problema, ocorrerá a leitura e em seguida a identificação dos termos desconhecidos no texto. Os tutores deverão estimular o grupo a procurar esclarecer o significado de palavras, expressões, conceitos ou termos técnicos a partir do seu conhecimento prévio, iniciando o brainstorm. Todos os termos desconhecidos são registrados; **Passo 2:** Realizar uma discussão com o objetivo de identificar o problema central (também chamado ‘tema’ ou ‘problema do problema’) e os problemas correlacionados; identificar as palavras-chave. O Relator registra na lousa os pontos da discussão estabelecida, o problema central e as palavras-chave; **Passo 3:** Levantar o conhecimento prévio do grupo acerca do problema em questão, com formulação de hipóteses (brainstorm); **Passo 4:** Resumir a discussão: lembrar os problemas listados, as hipóteses levantadas, os conhecimentos prévios trazidos pelo grupo, os prós e contras; **Passo 5:** Elaborar os objetivos de aprendizagem; identificar as lacunas de conhecimento e os temas que precisam

ser estudados para resolver o(s) problema(s), a partir das questões levantadas e dos conhecimentos prévios existentes. Os objetivos se dividem em geral e específicos. O objetivo geral é elaborado antes dos objetivos específicos, embora os alunos possam sempre voltar e revisar algo após sua elaboração. Há um núcleo comum de objetivos de aprendizagem que as tutorias de determinado componente devem todas contemplar; **Passo 6:** Pesquisar e estudar individualmente os temas identificados como lacunas de conhecimento, necessários para resolver os problemas: buscar informações na bibliografia indicada, em livros-texto clássicos, artigos científicos, em bases de dados como MEDLINE, LILACS, SCIELO, BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), opiniões de especialistas etc. Levar para o passo 7 as informações obtidas e as fontes de referência utilizadas; **Passo 7:** Integrar as informações trazidas: compartilhar e integrar os conhecimentos para a resolução/desfecho do Problema. Pode-se, quando possível, referir ao texto do problema buscando integrar o conhecimento elaborando uma 'resolução' das questões apresentadas (Queiroz, 2012).

Se a saída de Jacotot frente ao imbróglio com os estudantes holandeses foi lançar mão de um intérprete e de uma obra bilingue como ponte para travessia dos ignorantes, identificamos na situação das tutoras o uso dos 7 Passos e do problema como referência orientadora para aquele primeiro encontro de experimentação do método ABP. A partir da utilização destes recursos seria possível balizar o processo de aprendizagem na via da emancipação que Jacotot tanto defendia?

Neste percurso, identificamos que o Princípio da Igualdade tal como proposto na experiência de Jacotot apresenta alguns contrastes com o formato do PBL. O acesso prévio aos 7 passos, bem como aos conteúdos temáticos que integram cada problema, oportunizam ao tutor um certo privilégio no campo do saber em relação aos estudantes que ignoram por completo o método. Nessa linha de análise, seria pertinente considerar que a posição do mestre Jacotot, em sua experiência com os holandeses, de certa forma também não alcança a igualdade por completo, ao utilizar a edição bilingue com o apoio de um intérprete.

Por outro lado, no encontro com o método da

ABP identificamos a dimensão da surpresa e da estranheza com os novos papéis de atuação como sendo o plano comum entre os neófitos (professoras-tutoras e estudantes). Os efeitos daqueles primeiros encontros com o método preencheram outros espaços entre os 7 passos. São esses efeitos que colaboram com a produção de sentido do uso do método em direção à emancipação ou ao embrutecimento. Acompanhar os efeitos gerados nos encontros nos ajudará a avaliar se nossos passos seguem rumo à emancipação ou ao embrutecimento.

Nesta direção, percebemos que o Princípio da Igualdade, tanto na experiência de Jacotot como em nossa vivência é um ideal a ser conquistado a cada encontro com os estudantes, como um referencial ético para além dos 7 passos, mas para a caminhada da emancipação da aprendizagem em que todos os envolvidos na cena são aprendizes. Tomamos como exemplo o primeiro problema apresentado no encontro com os alunos. A proposta era disparar a pesquisa acerca do próprio método da ABP como tema principal a ser discutido coletivamente. Partindo da temática descrita e apresentada no problema, seguia-se à construção coletiva dos papéis a serem assumidos por cada integrante daquela roda. As tutoras buscavam dar sustentação aos corpos e as falas que teimavam em seguir o fluxo dominante da explicação. A atenção freava o ímpeto do mestre explicador e aos poucos cedia espaço para o uso de perguntas direcionadas aos estudantes, possibilitando que eles também se confrontassem com a construção da autonomia e protagonismo na cena de aprendizagem. A insegurança dos estudantes paradoxalmente se misturava à surpresa de que podiam aprender sem mestre explicador, mas não sem mestre. Sem instrução explicadora, mas não sem instrução.

Os estudantes amiúde clamavam pelo velho mestre explicador e examinador de sua consciência de aprendiz. A necessidade da explicação para ratificar a compreensão do problema dado aparecia na contramão do processo emancipador. É necessário firmeza e paciência no processo de subjetivação dos modos de tornar-se tutor-mestre ignorante, bem como para enxergar a potência dos estudantes de aprender na ausência do velho mestre explicador.

Persistindo na analogia com a experimentação pedagógica de Jacotot:

“alguns estudantes se ensinaram a falar e escrever em francês, sem o socorro de suas explicações. Ele nada lhes havia transmitido de sua ciência. Havia os deixado sós com o texto de Fénelon, uma tradução - e a vontade de aprender o francês. Ele somente lhes havia dado a ordem de atravessar uma floresta cuja saída ignorava” (p.27).

Parafraseando o mesmo autor: “e o discípulo sente o solo desaparecer sob seus pés e chama o mestre em seu socorro: o que se deve responder?” (p.47). Resistir a tentação de fornecer a resposta pronta e os refinados argumentos didáticos faz parte da aventura e do desafio de tornar-se tutor. Afinal, como bem argumenta a dupla Ranciere-Jacotot, “há sempre alguma coisa que o mestre pode lhe pedir que descubra, sobre a qual pode interrogá-lo e verificar o trabalho de sua inteligência” (p.51).

Ao tutor que se quer emancipador, deverá manter-se atento e vigilante aos hábitos do professor-mestre-explicador que persistem em sua atuação. O mestre ignorante pois, não é aquele que oferece as melhores respostas, e sim, aquele que provoca as melhores perguntas.

Portanto, é através de tropeços e escorregões que o tutor conhece seu potencial de tornar-se emancipador. “Para emancipar outrem, é preciso conhecer-se a si mesmo como viajante do espírito, semelhante a todos os outros viajantes, como sujeito intelectual que participa da potência comum dos seres intelectuais” (P.57)

Fazendo referência ao passo 6 da ABP, a pesquisa é tomada como um recurso emancipatório tanto na atuação dos tutores quanto no papel dos alunos no processo de aprenderem a pesquisar. Encontramos aqui mais uma convergência com a ética de Jacotot: no lugar de conferir os conteúdos que emancipam o aluno, importa mais ao tutor examinar o foco da atenção do aluno. Acompanhar como ele investe a sua atenção e se a mesma favorece a inteligência apresentar-se a si mesma.

Após o fechamento do problema 1, que se referia especificamente ao próprio método em questão, os problemas seguintes abordavam diversos temas compreendendo a etapa denominada Início da

Vida, referente ao primeiro semestre do curso, bem como o primeiro semestre no contato com o método da ABP. Consideramos que, mesmo o problema não sendo uma surpresa para o tutor, visto ser ele quem o apresentava aos estudantes, muitas vezes as tutoras ‘ensinavam’ aquilo que ignoravam, por não ter domínio, ou até mesmo conhecimento aprofundado sobre determinada temática. “Ensinar o que se ignora é simplesmente questionar sobre tudo o que se ignora. Não é preciso nenhuma Ciência para fazer tais perguntas” (p.53). Mas é preciso uma vontade forte...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dessa experiência e do contato com a fascinante obra de Jacques Rancière, compreendemos que é a presença viva e forte do corpo do mestre que impulsionará a composição da emancipação - a revelação da inteligência a ela mesma. Eis aí o grande papel do mestre ignorante, e do tutor: aproximar, criar pontes, oferecer coisas, para que se experimente a potência da inteligência. Importa menos o procedimento. Na ABP recorreremos ao problema de pesquisa. Jacotot utilizou o livro (bilíngue, o Telêmaco de Fénelon), mas como ele mesmo nos ensinou, poderia ser uma canção, uma oração, sendo o mais importante o Princípio da Igualdade, provendo condições pra que a emancipação ocorra em ambas as partes. Portanto, mais do que o procedimento, um princípio, uma ética a ser habitada.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

As autoras declaram que ambas participaram de forma equivalente tanto da idealização quanto na elaboração do presente texto, estando a ordem de aparição de autoria não implicada na participação, e sim, obedecendo a ordem alfabética.

CONFLITOS DE INTERESSES

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo mas não limitando-se a subvenções e financiamentos, conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc).

REFERÊNCIAS

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra

Rancière, J. (2013). *O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Trad. Lílían do Valle. Belo Horizonte: Autêntica

Skliar, C. & Jacotot-Rancière ou a dissonância inaudita de uma pedagogia (felizmente) pessimista. *Educ. Soc. (online)*. 2003, 24(82): 229-239. doi: 10.1590/S0101-73302003000100013

Queiroz, A. (2012). PBL, problemas que trazem soluções. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, Salvador*, dez. 2012; 1(1): 26-38. doi: 10.17267/2317-3394rpds.v1i1.36